

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O PÓS-COMENTÁRIO NA MICROESTRUTURA DE DICIONÁRIOS SEMASIOLÓGICOS

Virginia Sita Farias¹

virginiafarias@terra.com.br

RESUMO: O modelo de H. E. Wiegand estabelece a segmentação da microestrutura em comentário de forma e comentário semântico. Além disso, prevê a ampliação da microestrutura, com o acréscimo de um pré e/ou de um pós-comentário. Este artigo almeja (a) analisar o emprego do pós-comentário em dicionários semasiológicos e (b) propor uma doutrina para o emprego do pós-comentário como mecanismo complementar de elucidação do significado. A carência de pesquisas acerca da ampliação microestrutural no âmbito da (meta)lexicografia confere a este estudo um caráter exploratório e prospectivo. Os resultados indicam a ausência de uma concepção funcional da microestrutura e a falta de clareza a respeito do que é o pós-comentário na maioria das obras analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; microestrutura; comentários fundamentais; pós-comentário.

INTRODUÇÃO

O modelo microestrutural exposto em Wiegand (1989b) prevê a ampliação externa da microestrutura simples, que, tradicionalmente, encontra-se segmentada em comentário de forma e comentário semântico. Dessa forma, a microestrutura ampliada comportaria dois tipos de comentários externos: o pré-comentário e o pós-comentário.

Este estudo ocupa-se especificamente dos segmentos de pós-comentário e propõe-se a cumprir dois objetivos: (a) analisar o uso do pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos² à luz do modelo de Wiegand (1989a; 1989b), e (b) propor uma doutrina

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bolsista de Doutorado do CNPq.

² A distinção entre semasiologia e onomasiologia fundamenta-se no ponto de partida do ato da consulta, o significante ou o significado, respectivamente (cf. Baldinger, 1985: 42-43). Os dicionários semasiológicos têm como principal característica apresentar paráfrases definidoras, enquanto os dicionários onomasiológicos distinguem-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, a exemplo do *thesaurus*, dos dicionários de sinônimos/antônimos, dos dicionários pela imagem (também chamados de dicionários visuais, nos quais não há definições, e os nomes aparecem ligados a ilustrações), ou mesmo dos dicionários bilíngues (cf. Hartmann; James, 2001: s.v. *semasiological dictionary*; s.v. *onomasiological dictionary*).

específica para o emprego do pós-comentário semântico, com vistas a tornar esse segmento um mecanismo complementar de elucidação do significado.

1. O MODELO MICROESTRUTURAL DE H. E. WIEGAND

Deve-se creditar a adoção do modelo teórico de H. E. Wiegand, neste trabalho, ao fato de não haver surgido, nos últimos vinte anos, contribuições especialmente significativas no que concerne ao desenvolvimento de uma “álgebra” da microestrutura de dicionários semasiológicos. A concepção microestrutural engendrada em Wiegand (1989a; 1989b) e Hausmann e Wiegand (1989: 340-349), dessa forma, ainda reverbera nas discussões levadas a cabo posteriormente, como em Hartmann (2001: 57-68), Schlaefler (2002: 84-88), Gouws (2003: 34-38) e Engelberg e Lemnitzer (2004: 133-143).

1.1 MICROESTRUTURA ABSTRATA E MICROESTRUTURA CONCRETA

A microestrutura pode ser definida, *grosso modo*, como o conjunto ordenado de todas as informações no interior do verbete. Wiegand (1989a) estabelece uma distinção entre microestrutura abstrata [*abstrakte Mikrostruktur*] e microestrutura concreta [*konkrete Mikrostruktur*]. A microestrutura abstrata configura um conjunto pré-determinado de tipos de informações passíveis de estarem presentes nos verbetes, correspondendo, pois, a um “programa constante de informações” [*festes Informationsprogramm*] (doravante, PCI)³.

A microestrutura concreta, por sua vez, pode ser entendida como a representação da microestrutura abstrata no dicionário; em outras palavras, equivale à totalidade das informações linearmente ordenadas no interior de cada um dos verbetes (cf. Wiegand, 1989a: 412-416). Um dicionário, desse modo, define uma única microestrutura abstrata – que, via de regra, é diferente para cada categoria morfológica (cf. Farias, 2009a: 215-237) –, mas oferece ao consulente uma grande variedade empírica de microestruturas concretas. Isso, na prática, significa que, mesmo previstos no PCI, determinados segmentos podem ser omitidos na representação concreta, em razão das peculiaridades de cada signo-lema. Nesses casos, fala-se

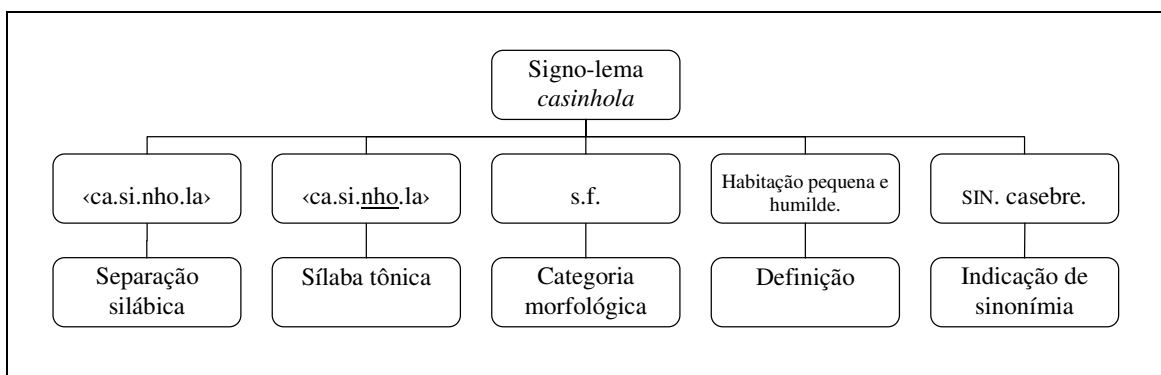
³ Conforme Wiegand (1989a: 417), “o programa, a microestrutura linear abstrata, é em grande parte determinada pelo tipo de dicionário” [das Programm, die abstrakte lineare Mikrostruktur, ist weitgehend determiniert vom Wörterbuchtyp] (Todas as traduções são da autora). De nossa parte, atrevemo-nos a propor que o PCI deveria ser determinado por uma tríade: à definição tipológica do dicionário, acrescentaríamos a delimitação do perfil de usuário e o estabelecimento da(s) função(ões) que a obra deve cumprir (cf. Farias, 2009a: 31-69).

em “grau zero de informação” [*Nullstufe der Information*] (cf. Wiegand, 1989a: 416-417). Analisemos os seguintes verbetes relativos a signos-lemma monossêmicos em DDSM (2007)⁴:

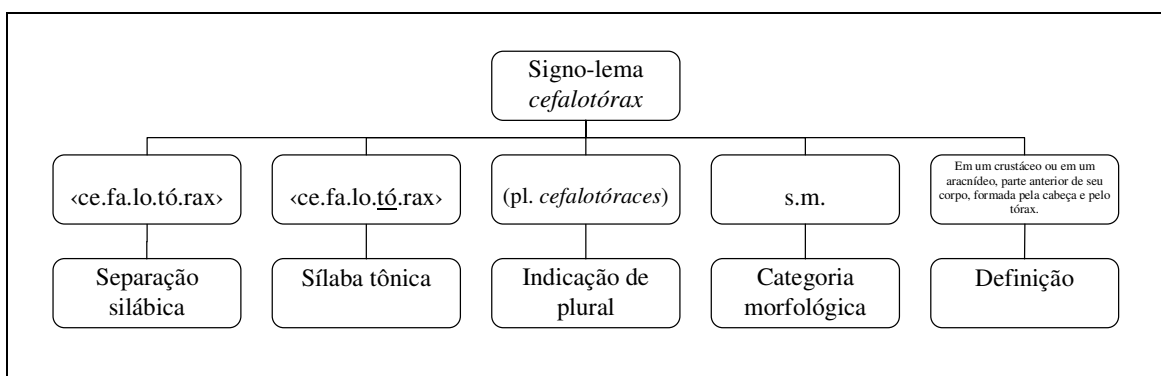
casinhola <ca.si.nho.la> s.f. Habitação pequena e humilde. □ SIN. casebre. (DDSM, 2007: s.v. *casinhola*)

cefalotórax <ce.fa.lo.tó.rax> (pl. *cefalotóraces*) s.m. Em um crustáceo ou em um aracnídeo, parte anterior de seu corpo, formada pela cabeça e pelo tórax. (DDSM, 2007: s.v. *cefalotórax*)⁵

Cada um dos verbetes contém uma série de indicações a respeito do signo-lemma em questão, apresentadas sob a forma de segmentos informativos⁶. A seguir, dissecamos a microestrutura dos verbetes selecionados, a fim de evidenciar os segmentos que os compõem:



Esquema 1: Microestrutura concreta de *casinhola* em (DDSM, 2007)



Esquema 2: Microestrutura concreta de *cefalotórax* em (DDSM, 2007)

⁴ Seguindo a tendência da metalexigrafia europeia para as citações de dicionários, em vez da *Harvard Citation* (autor, ano: página), usaremos abreviaturas (cf. Hartmann, 2001: 11). Além disso, nas citações de verbetes, usamos a abreviatura *s.v.*, que significa “*sub voce*”.

⁵ Neste momento, abster-nos-emos de emitir qualquer juízo de valor a respeito das informações apresentadas no dicionário, concentrando-nos apenas na análise dos tipos de indicações fornecidas nos verbetes.

⁶ Por segmento informativo, entendemos cada segmento microestrutural ao qual corresponde uma informação específica, segundo a definição do PCI (cf. Bugueño Miranda; Farias, 2006).

Se consideramos apenas os verbetes transcritos e examinados acima, podemos descrever o PCI de DDSM (2007)⁷ por meio dos seguintes segmentos constantes: indicação ortográfica (integrada ao signo-lema) (InOrt), indicação de separação silábica (InSep), indicação de sílaba tônica (InTon), indicação de plural irregular (InPl), indicação de categoria morfológica (InCat), indicação de significado (InSig) e indicação de sinonímia (InSin). Apresentamos, a seguir, outros quatro verbetes de substantivos, a fim de ilustrar algumas das possibilidades de realização do PCI descrito:

desmaio <des.mai.o> s.m. Perda momentânea dos sentidos. □ **SIN. desfalecimento.** (DDSM, 2007: s.v. *desmaio*)

esgrima <es.gri.ma> s.f. Esporte em que duas pessoas combatem manuseando uma espada, um sabre ou um florete, e que se pratica com um traje especial para proteger o corpo e o rosto de possíveis ferimentos. (DDSM, 2007: s.v. *esgrima*)

facão <fa.cão> (pl. *facões*) s.m. Faca grande, forte e com folha larga. (DDSM, 2007: s.v. *facão*)

lamaçal <la.ma.çal> (pl. *lamaçais*) s.m. Terreno com muita lama. □ **SIN. lameiro.** (DDSM, 2007: s.v. *lamaçal*)

A tabela a seguir explicita a relação entre a microestrutura abstrata (definida para verbetes de substantivos) e as microestruturas concretas em DDSM (2007):

PCI VERBETES	InOrt	InSep	InTon	InPl	InCat	InSig	InSin
<i>casinhola</i>	+	+	+	-	+	+	+
<i>cefalotórax</i>	+	+	+	+	+	+	-
<i>desmaio</i>	+	+	+	-	+	+	+
<i>esgrima</i>	+	+	+	-	+	+	-
<i>facão</i>	+	+	+	+	+	+	-
<i>lamaçal</i>	+	+	+	+	+	+	+

Tabela 1: Relação entre a microestrutura abstrata e as microestruturas concretas de DDSM (2007)

Se um dicionário – como parece ser o caso de DDSM (2007) – define e segue rigorosamente um PCI, o grau zero de informação torna-se altamente funcional para o consulente⁸. Assim, por exemplo, a ausência de indicação de plural s.v. *casinhola*, *desmaio* e

⁷ A fim de ilustrar os conceitos de “grau zero de informação” e de “funcionalidade” das informações, simplificamos a representação microestrutural de DDSM (2007). Seu PCI é, de fato, bastante mais amplo, prevendo uma série de outros segmentos constantes. Para uma análise global desse dicionário, cf. Farias (2008b).

⁸ A funcionalidade da informação baseia-se na observância de dois princípios: (a) toda a informação deve ser discreta e (b) toda a informação deve ser discriminante. Uma informação discreta é aquela que corresponde efetivamente a um fato de norma, tendo em vista que um dicionário é sempre posterior à linguagem, cabendo a

esgrima indica que o plural, nesses casos, é formado regularmente (com o acréscimo do morfema *-s*). De modo similar, a omissão da indicação de sinonímia s.v. *cefalotórax*, *esgrima* e *facção* informa ao consulente que a língua portuguesa não dispõe de sinônimos (ou, pelo menos, de sinônimos não marcados diassistemicamente) para as unidades léxicas em questão.

1.2 COMENTÁRIO DE FORMA E COMENTÁRIO SEMÂNTICO

O PCI de um dicionário, como vimos expondo, comporta segmentos informativos de natureza diversa. Nesse sentido, Hartmann e James (2001: s.v. *microstructure*) salientam que “a microestrutura fornece informação detalhada sobre a palavra-entrada, com comentários sobre suas propriedades formais e semânticas (ortografia, pronúncia, gramática, definição, uso, etimologia)”⁹. Dessa forma, tendo em vista o “objetivo genuíno” [*genuiner Zweck*] de cada segmento informativo no interior do verbete, Wiegand (1989a) divide formalmente a microestrutura em dois comentários fundamentais [*Grundkommentare*], que se seguem no verbete, respeitando a uma ordem canônica: o comentário de forma [*Formkommentar*], ou “estrutura nuclear da esquerda” [*linke Kernstruktur*], e o comentário semântico [*semantischer Kommentar*], ou “estrutura nuclear da direita” [*rechte Kernstruktur*]¹⁰. Tal segmentação, aliás, atende à concepção saussuriana de signo linguístico como uma união indissolúvel entre significante e significado. O comentário de forma comporta informações relativas à representação gráfica e fonético-fonológica do signo-lema, enquanto o comentário semântico abriga informações referentes ao seu significado. No caso dos verbetes analisados

ele, pois, registrá-la e não fixá-la (cf. Rabanales, 1984). Como exemplos de informações não discretas, mencionamos a indicação de parônimos de baixa frequência, como *destinto* em MiHou (2004: s.v. *distinto*), bem como a indicação “[Em alemão, com inicial maiúsc.]” no pós-comentário de MiCA (2004: s.v. *blitz*). Uma informação discriminante, por outro lado, é a que permite ao leitor obter algum proveito com relação ao uso e/ou conhecimento da língua, o que significa que o segmento informativo deverá ser bem estruturado linguística e representacionalmente para o usuário. Como exemplo de informação não discriminante, mencionamos a definição de (MiAu, 2008: s.v. *morango*) “Infrutescência carnosa (e, não, fruto), edule, do morangueiro”. Sobre os conceitos de informação discreta e discriminante, cf. Bugeño Miranda e Farias (2006; 2008a).

⁹ [the microstructure provides detailed information about the headword, with comments on its formal and semantic properties (spelling, pronunciation, grammar, definition, usage, etymology)].

¹⁰ Ao lado do comentário de forma e do comentário semântico, Bugeño Miranda (2004) defende a existência de um terceiro comentário na microestrutura: o comentário etimológico. O autor argumenta que a informação etimológica, da maneira como se apresenta na maior parte dos dicionários semasiológicos, além de deficitária, identifica-se, historicamente, com o comentário de forma, na medida em que responde à doutrina “etimologia origem da palavra”. Para converter-se em um fato funcional, o comentário etimológico, como terceiro comentário da microestrutura, deveria ser concebido a partir da doutrina “etimologia história da palavra” (cf. Bugeño Miranda, 1995). Em outros termos, a mera menção do étimo do signo-lema serve muito pouco ao consulente; é necessário, além disso, indicar a produtividade sêmica (mudanças de significação do étimo), a produtividade morfológica (a expansão morfológica do étimo) e a idade da palavra.

anteriormente, a definição e a indicação de sinonímia conformam o comentário semântico, ao passo que as demais informações pertencem ao comentário de forma.

A segmentação do verbete em dois comentários fundamentais encontra correspondência na tradição lexicográfica hispânica em termos de “enunciados lexicográficos”. Levando em conta que as informações fornecidas sobre o signo-lema dividem-se em duas vertentes – o que atende, como vimos, à concepção saussuriana de signo linguístico –, Seco (2003) explica que o verbete se divide em “primeiro enunciado” [*primer enunciado*], que apresenta informações da unidade léxica enquanto signo, e “segundo enunciado” [*segundo enunciado*], que apresenta informações referentes ao conteúdo semântico do signo-lema. Deve-se ressaltar que “se trata de duas predicções de caráter distinto, não somente pelo seu nível de informação, mas também pela sua forma” (Seco, 2003: 26)¹¹. Assim, pois, a cada tipo de informação, corresponde uma metalinguagem distinta: respectivamente, metalinguagem de primeiro enunciado [*metalenguaje de primer enunciado*], ou metalinguagem de signo [*metalenguaje de signo*], e metalinguagem de segundo enunciado [*metalenguaje de segundo enunciado*], ou metalinguagem de conteúdo [*metalenguaje de contenido*].

1.3 A AMPLIAÇÃO EXTERNA DA MICROESTRUTURA

Wiegand (1989b) denomina a microestrutura constituída apenas pelas duas principais estruturas nucleares descritas *ad supra* de microestrutura simples [*einfache Mikrostruktur*]:

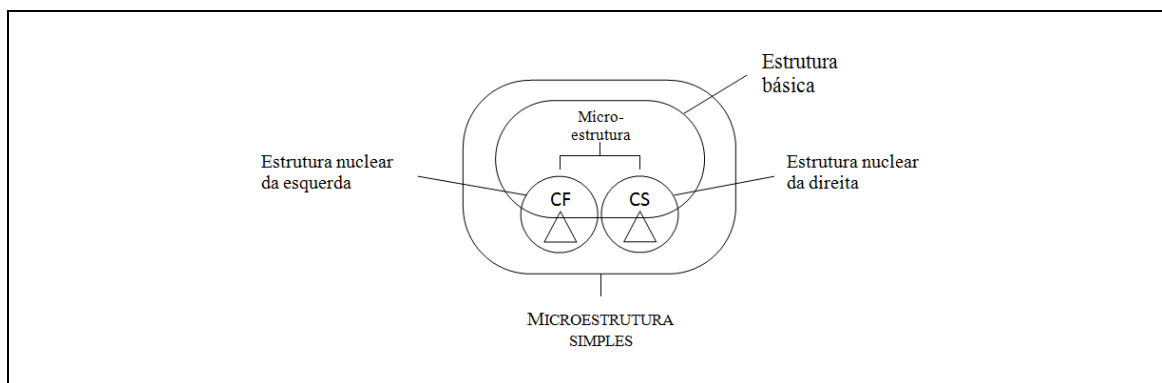


Figura 1: Representação da microestrutura simples segundo Wiegand (1989b: 474)

¹¹ [Se trata de dos predicaciones de distinto carácter, no solo por su nivel de información, sino también por su forma]

Além da microestrutura simples, Wiegand (1989b) distingue outros dois tipos: a microestrutura ampliada [*erweiterte Mikrostruktur*] e a microestrutura composta [*zusammengesetzte Mikrostruktur*]. Interessa-nos, neste artigo, a microestrutura ampliada¹².

De acordo com Wiegand (1989b: 474), pode-se falar em microestrutura ampliada sempre e quando “o comentário de forma e o comentário semântico sejam constituintes textuais imediatos do verbete e, ao lado desses dois comentários fundamentais, haja ao menos um outro constituinte textual imediato”¹³. A ampliação da microestrutura pode ser externa (quando ocorre fora da estrutura básica da microestrutura) ou interna (quando ocorre dentro da estrutura básica da microestrutura)¹⁴. Em verbetes relativos a signos-lema monossêmicos, o constituinte textual situado no espaço imediatamente anterior ao comentário de forma é chamado de pré-comentário [*Präkommentar*], e a subestrutura [*Teilstruktur*] à qual pertence é denominada estrutura marginal da esquerda [*linke Randstruktur*]¹⁵.

¹² A microestrutura composta, da qual não trataremos aqui, é um tipo de microestrutura na qual os comentários fundamentais podem aparecer várias vezes, como no exemplo a seguir:

er'zielhen <V. t. 287> *Erziehung ausüben*; ein Kind gut, schlecht ~ ; durch Güte, Strenge, gutes Vorbild ~ ; jmdn. zu einem tüchtigen Menschen ~ ; ein gut, schlecht erzogenes Kind **-her** <m. 3; i. w. S.> *jeder, der einen anderen erzieht* ; <i. e. S.> *Lehrer, Pädagoge* ; ein guter, schlechter, der geborene ~ sein **-her.ga.be** <f.> *Fähigkeit zum Erziehen* **-he.rin** <f. 22> *weibl. Erziehen* **-he.risch** <Adj.> die Erziehung betreffend, zur Erziehung geeignet ; ~e Maßnahmen treffen. (WdW, 1966: s.v. *erziehen*)

Em vez de formular *n* verbetes com microestruturas simples para cada derivado (e, eventualmente, também composto) do signo-lema, WdW (1966) opta pela redação de um único verbete com microestrutura composta, que abriga *n* sub-verbetes, denominada “estrutura de guarda-chuva” [*überdachende Mikrostruktur*] (cf. Wiegand, 1989b: 480-482). Do ponto de vista macroestrutural, esse tipo de ordenação denomina-se estrutura de nicho léxico (com ordenação alfabética) ou estrutura de ninho léxico (sem ordenação alfabética) (cf. Wiegand, 1989c).

¹³ [der Form- und der semantische Kommentar unmittelbare Textkonstituenten des Artikeltextes sind und neben diesen beiden Grundkommentaren mindestens eine weitere unmittelbare Textkonstituente gegeben ist]

¹⁴ Não nos deteremos aqui na análise da ampliação interna da microestrutura. Wiegand (1989b) distingue três tipos de ampliação interna: (a) comentário medial transitório [*mittlerer Zwischenkommentar*], que se situa entre os dois comentários microestruturais fundamentais; (b) comentário transitório da esquerda [*linker Zwischenkommentar*], que parte o comentário de forma em dois, e (c) comentário transitório da direita [*rechter Zwischenkommentar*], que aparece interposto ao comentário semântico.

¹⁵ Transcrevemos, a título de ilustração, um exemplo de emprego do pré-comentário:

♦ **cómpito**¹ (o -ò-) [da *compitare* * 1566] **s.m.** Talora si scrive con l'accento *cómpito* quando potrebbe essere confuso con *compito* **1** Lavoro da eseguire [...] (ZVLI, 2011: s.v. *compito*)

dicionário, (b) a funcionalidade do segmento dedicado ao pós-comentário e (c) os sistemas semióticos empregados na apresentação do pós-comentário.

O enfoque da análise será a relação entre o tipo de dicionário e o uso do pós-comentário. A divisão estabelecida aqui se inspira na classificação dos dicionários semasiológicos em função do seu público-alvo proposta por Engelberg e Lemnitzer (2004: 21). Dessa forma, opõe-se o dicionário geral [*Allgemeinwörterbuch*] aos dicionários didáticos [*didaktisches Wörterbuch*]. Entre os últimos, distinguem-se cinco genótipos: dicionário de aprendizes [*Lernerwörterbuch*], dicionário do vocabulário fundamental [*Grundwortschatzwörterbuch*], dicionário infantil [*Kinderwörterbuch*], dicionário escolar [*Schulwörterbuch*] e dicionário para o ensino fundamental [*Grundschulwörterbuch*], sendo que os dois primeiros estão destinados a aprendizes de língua estrangeira, e os três últimos, a aprendizes de língua materna.

2.1 O PÓS-COMENTÁRIO NOS DICIONÁRIOS GERAIS MONOLÍNGUES

Selecionamos, nesta primeira etapa, dez dicionários gerais de língua, de quatro tradições lexicográficas distintas: AuE (2009), HouE (2009), MiE (1998), DUPB (2002), DPC (2004), DRAEe (2001), DUEe (2001), DUEAe (2003), PRobE (2001) e ZVLI (2011). Demos preferência aos dicionários mais representativos de cada tradição lexicográfica, com o intuito de contrastá-las entre si¹⁶.

Tratamos, primeiramente, dos dicionários de língua portuguesa. Dentre os dicionários postos sob análise, HouE (2009) é o mais sistemático no que diz respeito à apresentação do pós-comentário. Essa obra reserva campos específicos no final de cada verbete para a apresentação de variados tipos de informação. Assim, em acréscimo ao PCI previamente estabelecido (que comporta cerca de dez segmentos informativos), o dicionário prevê um campo dedicado à gramática, um campo dedicado ao uso, um campo dedicado à etimologia (que, em geral, e na contramão da maior parte das obras brasileiras, obedece à doutrina “etimologia história da palavra”, cf. Bugueño Miranda, 1995), um campo dedicado à sinonímia, um campo dedicado à antonímia, um campo dedicado à apresentação de coletivos, um campo dedicado à homonímia, um campo dedicado à paronímia e um campo dedicado à

¹⁶ Utilizamos tanto dicionários impressos como eletrônicos, sem estabelecer distinção entre eles. Deve-se ressaltar que, de fato, os dicionários eletrônicos abrem novas possibilidades de armazenamento e apresentação das informações em relação aos dicionários impressos. Em dicionários eletrônicos seria possível, por exemplo, inserir arquivos de som e imagem (cf. Welker, 2004, p. 225-233; Lew, 2010). Tais recursos, entretanto, não são completamente explorados, e, frequentemente, o dicionário eletrônico não passa de uma simples transposição da obra em papel para o formato digital.

indicação das vozes de animais (em verbetes de substantivos que designam animais). O pós-comentário é, além disso, empregado com muita frequência. Para ilustrar, selecionamos os seguintes verbetes:

decompor v. (1789) **1** *t.d. e pron.* isolar(-se) em elementos formadores ou constitutivos; dividir(-se) em partes; analisar(-se), desmontar(-se), desfazer(-se) <*d.(-se) o sangue*> <*d.(-se) um pensamento, um movimento, uma palavra, uma obra*> [...] **4** *pron. p.metf.* entrar em colapso; desarticular-se, esfacelar-se, desmontar-se <*aquela é uma sociedade que tende a se d.*> ⊙ GRAM a respeito da conj. deste verbo, ver gram no verbete *pôr* ⊙ ETIM *de-* + *compor* ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *separar* e antonímia de *organizar* ⊙ ANT *compor, organizar* (HouE, 2009: s.v. *decompor*)

tua *pron.* **1** *pron.pos.* indica um ser (coisa ou pessoa) do gên. fem. que pertence, é parte de, está relacionado à segunda pessoa do singular (tu) <*t. filha*> <*t. casa*> <*t. mão*> ■ *s.f.* **2** tua opinião, tua posição <*qual é a t.?*> ☞ ver USO a seguir ⊙ **estar** ou **ficar na t.** *B infm.* **1** permanecer (o interlocutor) com a sua opinião, teoria etc. <*não te deixes convencer: fica na t.*> **2** não se envolver (o interlocutor) em (alguma coisa); ficar (o interlocutor) de fora <*é melhor ficar na t. e deixar que eles resolvam sozinhos o problema*> ⊙ GRAM fem. de *teu* ⊙ USO como subst. empr. apenas nas locuções *estar na t., ficar na t.* ⊙ ETIM lat. *tua*, f.fem. do lat. *tūus,a,um* 'teu', *pron.pos.* (HouE, 2009: s.v. *tua*)

No final do verbete, o dicionário disponibiliza uma série de informações, tanto de forma (como nos campos “gramática” e “uso”) quanto de conteúdo (como nos campos “uso”, “sinonímia/variantes” e “antonímia”). Além disso, também existe um segmento dedicado ao comentário etimológico. Cada um desses campos aparece precedido de um símbolo (⊙).

Cabe-nos, no entanto, tecer algumas críticas em relação à presença de determinadas indicações e ao modo como são apresentadas. Em primeiro lugar, no campo “gramática”, HouE (2009) fornece indicações relativas à conjugação verbal (p. ex., s.v. *decompor*), bem como à formação de femininos e plurais irregulares (p. ex., s.v. *imperador* e s.v. *caminhão-baú*, verbetes que não transcrevemos por razões de espaço). Indicações como essas poderiam formar parte do PCI estipulado para o comentário de forma (p. ex., como em DDSM, 2007), reservando-se, dessa forma, o pós-comentário para informações “extraordinárias”, ou seja, que não se deixam prever pelo PCI, por constituírem uma peculiaridade de determinado signo-lema¹⁷. Recordamos, no entanto, que a consultabilidade [*consultabilité*] e a legibilidade

¹⁷ O segmento “gramática/uso” do verbete *você* ilustra bem esse tipo de situação:

você *pron.trat.* (1665) **1** aquele a quem se fala ou se escreve <*você almoçou?*> <*ei, você: venha cá*> ■ *pron.indef.* **2** pessoa não especificada; alguém <*se v. não paga a conta, eles cortam o fornecimento*> ⊙ GRAM/USO **a**) apesar de funcionar como forma de tratamento de segunda pessoa, esse pronome leva o verbo para a terceira pessoa; **b**) excetuando-se o extremo Sul e alguns pontos da região Norte, no Brasil *você* toma lugar do *tu* como pronome de segunda pessoa, como forma de tratamento ger. íntimo, entre pessoas de mesmo nível social, etário etc. ou de superior para inferior; **c**) *vocês*, além de preencher as funções do pl. normal de *você*, tb. se

[*lisibilité*] do verbete são fatores essenciais a serem considerados no momento de definir o PCI de uma obra lexicográfica (cf. Bray, 1989). As observações que fazemos são, nesse sentido, meramente impressionistas, uma vez que ainda não dispomos de um algoritmo que nos permita calcular a relação entre a extensão/densidade do PCI e a consultabilidade/legibilidade do verbete.

Em segundo lugar, o campo “sinonímia/variantes” oferece indicações de natureza distinta. A sinonímia, bem como a antonímia, são indicações relativas ao conteúdo semântico do signo-lemma, ao passo que as formas variantes constituem indicações de forma, relacionadas com a ortografia. Desse modo, não somente a natureza de tais indicações, mas também o seu objetivo é bem diverso (cf. Bugeño Miranda; Farias, 2011c).

Por fim, a última crítica recai sobre a forma como algumas indicações são feitas. Em *decompór*, a indicação da conjugação no campo “gramática” é fornecida de maneira indireta, por meio de remissão a outro verbete. O mesmo acontece no campo “sinonímia/variantes”. Isso obriga o consulente a sucessivas consultas ao dicionário, a fim de chegar à informação desejada, o que é, no mínimo, bastante incômodo (cf. Bugeño Miranda; Farias, 2011c).

Em AuE (2009), por sua vez, corresponde ao pós-comentário o segmento intitulado “achega”, que, na introdução dessa obra, é definido como “uma informação adicional à definição e [que] pode ser de natureza explicativa, comparativa [Cf., sinônimos, antônimos, etc.], gramatical [flexões, conjugação verbal, etc.]” (AuE, 2009: s.p.). Analisemos os seguintes verbetes:

déficit [Aport. do lat. *deficit*.] Substantivo masculino. Econ. 1. O que falta para completar uma quantidade (esp. soma em dinheiro) necessária ou prevista. 2. Excesso de despesas sobre receitas: *A queda na arrecadação de impostos causou um déficit nas contas do governo*. [Pl.: *déficits*. Antôn.: *superávit*.] [O Volp registra apenas a f. lat.] (AuE, 2009: s.v. *déficit*)

degredo (ê). [Do lat. *decretu*.] Substantivo masculino. 1. Pena de desterro que a justiça impõe a criminosos. 2. P. ext. Exílio, banimento. 3. Lugar no qual se cumpre a pena de degredo (1); desterro. [Pl.: *degredos* (ê). Cf. *degredo*, do v. *degradar*.] (AuE, 2009: s.v. *degredo*)

A exemplo de HouE (2009), AuE (2009) também emprega o pós-comentário com relativa frequência. Além disso, repetem-se, nesta obra, alguns dos problemas apontados anteriormente, como confusão entre indicações de forma e semânticas, fornecimento de informações no pós-comentário que poderiam pertencer ao comentário de forma (p. ex., s.v.

emprega como o pl. de *tu* no lugar de *vós*, e como pl. de *o senhor, a senhora* ©
ETIM *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* (HouE, 2009: s.v. *você*)

déficit), e apresentação de informações essenciais sob a forma de remissões (p. ex., s.v. *degrede*).

MiE (1998), em seu *front matter*, informa que, ao final do verbete, no espaço que identificamos como pós-comentário, são indicados os plurais irregulares, os plurais de nomes compostos, os femininos de formação irregular, os aumentativos e diminutivos irregulares, os superlativos absolutos sintéticos, os sinônimos, os antônimos e as formas variantes. As mesmas críticas feitas à AuE (2009) no que tange ao tipo de informação oferecida, bem como à forma de apresentação, poder-se-iam aplicar à MiE (1998). Apresentamos alguns exemplos:

O.ba.lua.ê *sm Folc* (Rio de Janeiro) Orixá da varíola; também chamado *Xapanã* e *Omolu* na Bahia. *Var: Obalauê*. (MiE, 1998: s.v. *Obaluaê*)

ob-rep.ção *sf (lat obreptione)* **1** Ato de obter qualquer coisa arditosamente ou por surpresa. **2** Astúcia, dolo. *Pl: ob-repções*. (MiE, 1998: s.v. *ob-repção*)

o.bli.quar *(lat obliquare) vint* **1** Caminhar obliquamente, de través. **2** Proceder maliciosamente, com dissimulação. *Conjugação, pres ind: obliquo (ú), obliquas (ú) etc. pres subj: obliqué, obliques etc.* (MiE, 1998: s.v. *obliquar*)

DUPB (2002) reserva um campo específico no interior do verbete para observações. No *front matter* do dicionário, salienta-se que “A observação é alguma informação adicional sobre uma determinada acepção ou sobre todo um verbete” (DUPB, 2002: XIII). Isso nos permite supor que, nesse segmento, são fornecidas apenas indicações relativas a especificidades de determinados signos-lemma, que não estão previstas no PCI. Não surpreende, pois, que DUPB (2002) seja bastante parcimonioso no emprego do pós-comentário, principalmente se o comparamos às três obras anteriores.

A “informação adicional”, que identificamos como pós-comentário, pode relacionar-se tanto à forma quanto ao significado do signo-lemma, e encontra-se formalmente separada dos comentários fundamentais por meio de barras duplas (//), como vemos nos exemplos a seguir:

babel *Nf* ★ [Abstrato de estado] **1** Confusão de línguas: *com a transformação do mundo numa colossal aldeia, foram necessários os veículos de comunicação sofisticados [...], sem os quais seria a volta a Babel* (OV); *O amontoado de convidados [...] acabou transformando Gytoku na Babel de sempre: os estrangeiros presentes falavam japonês o suficiente apenas para entrar em discussões, nunca para sair delas* (FH) // Nesta acepção, costuma-se escrever com inicial maiúscula // [...] (DUPB, 2002: s.v. *babel*)

cão *Nm* ★ [Concreto. Animado. Não-humano] **1** animal doméstico quadrúpede, carnívoro, de porte médio ou pequeno, pelagem macia em cores diversas: *o cão acredita em seu focinho* (FOT); *um cão preso por uma coleira* (TEG) // É mais formal ou técnico do que *cachorro*. Quando não se refere ao animal doméstico, o contexto esclarece: *sim, um cão selvagem, um lobo* // (CCA) [...] (DUPB, 2002: s.v. *cão*)

Por fim, DPC (2004)¹⁸ apresenta um campo denominado “sistema de destaques”, introduzido por um símbolo (♣). Nesse campo, indicam-se “vários aspectos ligados ao uso da língua como um sistema com uma estrutura interna típica e como uma instituição social, ou seja, como um instrumento de interação social. Além disso, apresenta, de forma atraente, vários aspectos da história do léxico” (DPC, 2004: s.p.). Da maneira como é apresentado ao consulente, o referido segmento parece estar dedicado apenas a indicações pragmáticas e sintagmáticas, bem como à etimologia. Entretanto, a análise do emprego do “sistema de destaques” evidencia uma verdadeira miscelânea de indicações, que engloba plurais e femininos de formação irregular, número de ocorrências (nos casos em que o signo-lema é pouco usual), antonímia, formas variantes, homônimos, parônimos, formas de participação, informações enciclopédicas etc., além, evidentemente, das informações já mencionadas. Para ilustrar, selecionamos alguns verbetes:

BOCA-DE-SINO bo.ca-de-si.no **Sf** qualquer extremidade alargada com forma de boca de sino. ♣ Só ocorreu associado a um S, na forma invariável, equivalendo a “em forma de boca-de-sino”: *calças boca-de-sino; bermudão boca-de-sino*. (DPC, 2004: s.v. *boca-de-sino*)

BOCETA bo.ce.ta **Sf 1** caixa pequena, oval ou alongada, para rapé; pequena caixa **2** (*Ch*) vulva. ♣ A acepção 1 é muito pouco usada e a 2 é muito grosseira e vulgar. (DPC, 2004: s.v. *boceta*)

BORO bo.ro **Sm** elemento químico pouco reativo, conhecido tanto em forma cristalina, muito dura, quanto na forma de um pó amarelo-esverdeado ou marrom, e que ocorre na natureza somente em combinação. ♣ Símb: **B**; Atôm: **5**. (DPC, 2004: s.v. *boro*)

O pós-comentário em DPC (2004), como vemos, engloba um conjunto bastante heterogêneo de informações, muitas das quais, como dissemos anteriormente em relação a outras obras, cobriam maior funcionalidade como parte do comentário de forma ou do comentário semântico. Mais grave, porém, é o caso de indicações de natureza enciclopédica, como as oferecidas s.v. *boro*, que não são pertinentes em um dicionário de língua.

Passamos, agora, à análise dos dicionários de língua espanhola. O primeiro caso a ser discutido é o de DRAE (2001). Essa obra apresenta um pós-comentário bastante reduzido, que aparece sob a forma de “Notas de uso”, e, segundo consta na introdução, limita-se a

¹⁸ DPC (2004), embora seja introduzido como um dicionário destinado prioritariamente ao uso escolar, não corresponde genotipicamente ao que se espera de uma obra de cunho didático. Além disso, não é preciso em sua auto-definição, apresentando-se como dirigido “àqueles que se servem da língua escrita em algum momento da vida social e, especificamente, aos escolares não só do ensino médio, mas até dos primeiros anos do ensino superior de qualquer área” (DPC, 2004: VII). Por essas razões, consideramo-lo entre os dicionários gerais.

completar ou reforçar determinada informação expressa mediante marcas que encabeçam a acepção (cf. DRAEe, 2001: s.p.). De uma forma geral, trata-se de indicações relativas à forma (p. ex., s.v. *perezoso*, *sa*), mas há, também, indicações relativas ao significado do signo-lemma (indicações diatécnicas, diafásicas etc.). Na maioria dos casos, porém, o emprego do pós-comentário não se justifica, na medida em que constitui um sistema tático deficiente de marcação diassistêmica. DRAEe (2001: s.v. *doblo*), por exemplo, utiliza dois segmentos, um anterior e outro posterior ao comentário semântico, para apresentar marcas diassistêmicas:

doblo [...] 1. m. desus. **duplo**. U. en leng. jurídico. (DRAEe, 2001: s.v. *doblo*)

dramón. 1. m. Drama de tintes muy cargados. U. m. en sent. despect. (DRAEe, 2001: s.v. *dramón*)

perezoso, **sa**. 1. adj. Negligente, descuidado o flojo en hacer lo que debe o necesita ejecutar. U. t. c. s. [...] (DRAEe, 2001: s.v. *perezoso*, *sa*)

DUEe (2001) é bastante sistemático ao definir os tipos de “informações adicionais” que devem ser oferecidas em segmentos específicos no final do verbete. São três os segmentos identificados como pós-comentário nessa obra: (a) “notas de uso”, (b) “formas de expressão” e (c) “conjugação”¹⁹. Transcrevemos um verbete a seguir:

rogar (del lat. «rogāre»; «a, por») tr. Pedir a alguien, como favor o gracia, que haga cierta cosa: ‘Le rogué que viniera lo más pronto posible. Ruego a Dios que no llegue tarde’. ≈ Suplicar. ☉ tr. o abs. Pedir con humildad: ‘No le gusta rogar cuando puede exigir’. ⇨ Deprecar, exhortar, exorar, impetrar, implorar, obsecración, pordiosear, hincarse [o ponerse] de *rodillas*, solicitar, suplicar. [...]

□ **Formas de expresión**

Para rogar se emplea, en primer lugar, el mismo verbo: ‘Le ruego que me escuche’. Se emplean también para hacer formulariamente una petición expresiones como «dígnese, tenga a bien, sea servido...», generalmente usadas como complemento de «rogar»: ‘Le ruego se digne aceptar mis excusas’. Véase, además, en «favor», el uso de esta expresión.

□ **Conjug.** como «contar». (DUEe, 2001: s.v. *coger*)

Por fim, DUEe (2001: s.p.) alerta que “a informação sobre questões ortográficas, de pronúncia, gramaticais e de uso é introduzida nas observações e nas notas de certas acepções”²⁰. A exemplo do que ocorre nos dicionários brasileiros analisados, a obra em questão apresenta uma gama bastante variada de informações nos dois segmentos que

¹⁹ Além disso, DUEe (2001) também apresenta, ao final de alguns verbetes selecionados, um segmento de caráter onomasiológico denominado “catálogo”, com indicações de sinônimos, hiperônimos, hipônimos e outras palavras e expressões afins (cf., p.ex., s.v. *coger*, s.v. *cosmético* e s.v. *dinero*, verbetes que não transcrevemos por razões de espaço). Ressaltamos que o sistema semiótico empregado na apresentação desse segmento é idêntico ao utilizado na apresentação dos demais segmentos que identificamos como pós-comentário em DUEe (2001), o que reforça a hipótese de que os dicionários, de fato, não têm consciência sobre o uso dessa estrutura.

²⁰ [La información sobre cuestiones ortográficas, de pronunciación, gramaticales y de uso va introducida en las observaciones y en las notas a ciertas acepciones]

corresponderiam ao pós-comentário, muitas das quais poderiam estar repartidas em segmentos microestruturais específicos previstos pelo PCI, como nos exemplos a seguir:

long play nombre masculino Elepê. **!** OBSERVACIÓN Se pronuncia aproximadamente 'lon plei'. El plural es *long plays*. (DUEAe, 2003: s.v. *long play*)

luna nombre femenino **1** Astro, satélite natural de la Tierra, que gira alrededor de ella y refleja la luz del Sol; tiene una superficie de aspecto volcánico y carece de atmósfera: **ej** la Luna tarda 28 días en dar la vuelta a la Tierra. **!** NOTA En esta acepción suele escribirse con mayúscula. [...] (DUEAe, 2003: s.v. *luna*)

Há situações, porém, em especial no caso das notas de uso, em que o pós-comentário é usado para explicar determinados empregos do signo-lemma que implicam uma alteração de significado, bem como para exemplificar construções particulares:

marrón¹ nombre masculino | adjetivo **1** Color como el del barro, el chocolate, el café o la cáscara de la castaña: **ej** el marrón se puede obtener mezclando verde y rojo. **!** NOTA Se utiliza con un nombre en aposición para indicar una tonalidad parecida a la de la cosa que este nombre designa: *marrón chocolate* [...] (DUEAe, 2003, s.v. *marrón¹*)

No âmbito da tradição lexicográfica de língua francesa, examinamos o PRobE (2001). O segmento de pós-comentário não é empregado com muita frequência nessa obra. Entretanto, a extensão²¹ do seu PCI, em comparação com os demais dicionários analisados, já *de per se* nos fornece indícios que permitem compreender porque o segmento em questão não é utilizado de forma tão insistente, como em HouE (2009), AuE (2009), DPC (2004), ou, mesmo, em DUEAe (2001). Na medida em que a extensão de informações dispostas na microestrutura aumenta, torna-se cada vez menos necessário recorrer ao pós-comentário. O segmento de pós-comentário em PRobE (2001), desse modo, fica reservado apenas para os casos em que existe a necessidade de fornecer indicações normativas (como s.v. *gros-porteur*), ou, ainda, indicações sintáticas e pragmáticas específicas (como s.v. *je*)²²:

gros-porteur [...] **n. m.** • 1969; de *gros* et *porteur* ♦ Avion de transport de grande capacité. *Des gros-porteurs*. Recomm. offic. pour *jumbo-jet*. (PRobE, 2001: s.v. *gros-porteur*)

²¹ Bugueño Miranda (2009b: 62-63) estabelece uma diferença entre *extensão* e *densidade* do PCI. A extensão corresponde ao número de segmentos informativos definido para cada categoria morfológica. A densidade, por sua vez, diz respeito ao modo como cada segmento informativo é preenchido. Dessa forma, se há uma redundância de informações no interior da microestrutura – como é característico, por exemplo, da lexicografia alemã – diz-se que o PCI é denso.

²² Além disso, PRobE (2001), cumprindo com sua função analógica, apresenta, no final de alguns verbetes, um segmento de caráter onomasiológico semelhante ao de DUEe (2001), com uma série de sinônimos, hiperônimos, hipônimos e merônimos (p. ex., s.v. *maison*, verboete que não transcrevemos por razões de espaço).

je [...] **pron. pers.** • *eo* 842, puis *jo* et *je*; **lat.** *ego* **1** ♦ Pronom personnel de la première personne du singulier, sans distinction de genre, en fonction de sujet. ⇒ **me**, **moi**. *Je parle. J'entends. J'habille. Je hais. Je me décide. Je ne viens pas. Je ne sais combien, pourquoi.* ⇒ **je ne sais quoi**. *Je ne sais où.* « *Je puis dire des jours entiers je-t'aime sans pouvoir peut-être jamais passer à "je l'aime" » (Barthes).* *Je soussigné** *Untel certifie que...* (Renforcé par *moi*) *Moi, je viens.* REM. En cas d'inversion, le *e* devient muet: *Irαι-je [iYDF]*; *Dis-je*; *Puis-je ?*; *Que vois-je ?*; *Puissé-je vous convaincre.* *Je* est parfois remplacé par un *nous** de majesté ou de modestie. [...] (PRobE, 2001: s.v. *je*)

Finalmente, avaliaremos a presença e apresentação do pós-comentário em ZVLI (2011), um dos principais expoentes da tradição lexicográfica italiana. Essa obra é a que elabora de forma mais sistemática a ampliação da microestrutura simples, tanto em relação à seleção das informações, como em relação à sua apresentação. Na introdução, são descritas as três situações em que se opta pela ampliação externa da microestrutura por meio do pós-comentário: (a) indicações gramaticais e notas de uso (englobam acento, elisão e truncamento, erros comuns, feminino, uso de maiúscula, plural, pontuação, separação silábica); (b) indicações de nuances de significado (examina-se famílias de palavras análogas, definindo o significado de cada uma, o emprego adequado e o contexto de uso mais apropriado), e (c) inserção de nomenclatura (fornece-se uma série de palavras relacionadas ao signo-lemma, com o objetivo de atribuir à obra a função de dicionário analógico) (cf. ZVLI, 2011: 11). Para ilustrar, apresentamos dois verbetes extraídos de ZVLI (2011):

♦ **gli**² [...] **A** pron. pers. atono m. di terza pers. sing. [...] **B** pron. pers. atono f. di terza pers. sing. • (*pop.*; *fam.*; *evit.*) [...] **ATTENZIONE!** Va rispettata la distinzione fra *gli*, maschile, e *le*, femminile: *gli* (= a lui) *ho promesso di venire*; *le* (= a lei) *ho affidato un incarico*. [...] (ZVLI, 2011: s.v. *gli*²)

guazzabùglio [...] s. m. **1** Miscuglio confuso di cose diverse (*anche fig.*): *g. di ingredienti, di colori, di idee; questo g. del cuore umano* (A. Manzoni). **2** (*disus.*) Acqua mescolata a neve.

SFUMATURE DI SIGNIFICATO

guazzabuglio - farragine – accozzaglia
Guazzabuglio e farragine descrivono entrambe un miscuglio di cose eterogenee, ammassate in maniera confusa, disordinata, ma *farragine* è termine di uso più elevato. *Accozzaglia* ha lo stesso significato, ma suggerisce l'idea di un insieme di cose che cozzano fra loro, contrastano, non stanno bene insieme.
 (ZVLI, 2011: s.v. *guazzabuglio*)

2.2 O pós-comentário nos dicionários para aprendizes de língua materna

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em sua avaliação de 2006, propõe uma classificação dos dicionários para aprendizes de língua materna baseada em traços

puramente fenomenológicos (cf. Krieger, 2006). Os dicionários de tipo 1 e 2 correspondem, parcialmente, ao dicionário infantil [*Kinderwörterbuch*]. Já os dicionários de tipo 3 correspondem, também de forma apenas parcial, ao dicionário escolar [*Schulwörterbuch*]²³.

Iniciamos nossa análise com os dicionários de tipo 1 e 2. Seleccionamos, para exame, seis obras entre as mais difundidas no âmbito escolar: DIP (2009), AuI (2008), DILP (2005), MDHou (2005), DCR (2005) e SJDI (2005). Apenas uma delas – DCR (2005) – não apresenta pós-comentário. Quanto às demais, a análise não indica resultados significativamente diferentes daqueles encontrados em relação aos dicionários gerais. Em outras palavras, os dicionários infantis costumam fornecer o mesmo tipo de informação que os dicionários gerais (p. ex., plurais e femininos irregulares, homônimos, parônimos, formas variantes, sinônimos etc.), utilizando, inclusive, sistemas semióticos bastante parecidos na sua apresentação. A expansão microestrutural, nessas obras, é, ademais, tão frequente como nos dicionários gerais. Nesse sentido, destacamos AuI (2008), que, seguindo o padrão de AuE (2009), apresenta o pós-comentário sob a forma de “achegas”:

espírito-santense es.pí.ri.to-san.ten.se *adjetivo de dois gêneros*. **1.** Do estado do Espírito Santo. ■ *substantivo de dois gêneros* **2.** O natural ou habitante desse estado. [Sinônimo: *capixaba*; plural: *espírito-santenses*] (AuI, 2008: s.v. *espírito-santense*)

DILP (2005) assemelha-se muito a AuI (2008) no concernente à apresentação do pós-comentário. As informações oferecidas são, novamente, os plurais e femininos de formação irregular, mas também há espaço para outros tipos de informações, inclusive de cunho enciclopédico:

idoso /ô/ [i.do.so] *s.m.* **1** Indivíduo com muitos anos de idade, velho. *Os idosos cada vez mais têm feito ginástica.* • *adj.* **2** Que tem muitos anos de idade, velho. *Professora, quem é esse senhor mais idoso nessa fotografia?* (Essa palavra é mais usada para pessoas. Para coisas, usamos *velho*.) (Fem.: *idosa* /ól/. Pl.: *idosos* /ól/.) (DILP, 2005: s.v. *idoso*)

quilograma [qui.lo.gra.ma] *s.m.* Medida de peso equivalente a mil gramas. O mesmo que quilo. *Essa geléia leva um quilograma de morangos e um quilograma de açúcar.* (O símbolo de quilograma é kg, com letras minúsculas e sem plural) (DILP, 2005: s.v. *quilograma*)

DIP (2009: 7), por sua vez, aponta claramente a existência de um segmento externo à microestrutura, denominado “Observações”, que objetiva oferecer “informações adicionais

²³ Abster-nos-emos de discutir a classificação proposta pelo PNLD. Entretanto, cremos que é arriscado afirmar que existem, no Brasil, obras específicas para cada um dos diferentes públicos do ensino básico. Sobre os desajustes entre os dicionários escolares e as necessidades do público-alvo, cf. Damim (2005) e Farias (2009a).

sobre as palavras”. Esse segmento comporta informações como categoria morfológica, formas variantes, pronúncia etc. Apresentamos um exemplo a seguir:

japonês *s. masc.* ja-po-nês. Quem nasceu no Japão. *Milhares de japoneses vieram para o Brasil.* ■ **pl.:** japoneses. ♦ **fem.:** japonesa(s).

Obs.: pode ser usado como adjetivo: comida *japonesa*. (DIP, 2009: s.v. *japonês*)

MDHou (2005) atua de maneira um pouco diferente das demais obras. Esse dicionário oferece, no segmento identificado como pós-comentário, informações relacionadas exclusivamente com a pronúncia (indicação de abertura de vogal) e ortografia (indicação de parônimos e homônimos), como vemos a seguir:

colher (co.lher : substantivo) A gente usa a **colher** para tomar sopa, comer mingau e mexer líquidos. *Nesta palavra, a vogal e soa como em mulher.* (MDHou, 2005: s.v. *colher*)

cozer cozo, cozi, cozerei (co.zer : verbo) **Cozer** é o mesmo que cozinhar. **ATENÇÃO:** não confundir **cozer** com **coser**. (MDHou, 2005: s.v. *cozer*)

Por fim, SJDI (2005) apresenta um PCI bastante restrito para os comentários fundamentais (indicação ortográfica integrada ao signo-lema, separação silábica, indicação de sílaba tônica, categoria morfológica e definição). Todas as demais informações que o dicionário julga importantes são fornecidas no final do verbete:

mau (mau) *adj* 1. Diz-se do que tem um caráter que causa incômodo ou doença [...] *Fem má. Comp super pior. Sup abs sint malíssimo, péssimo. Antôn bom. Cf mal.* (SJDI, 2005: s.v. *mau*)

A única diferença entre os dicionários gerais e os dicionários infantis, no que concerne ao emprego do pós-comentário, seja, talvez, o fato de que os últimos apresentam, nesse segmento, quase que exclusivamente, indicações de forma. Por fim, a grande crítica aplicável aos dicionários infantis, além das que já foram feitas em relação aos dicionários gerais, diz respeito à utilidade das informações apresentadas ao público em questão. Essa crítica, aliás, não deve ser feita apenas em relação ao pós-comentário, mas estende-se igualmente às demais informações apresentadas nos comentários fundamentais. É preciso, pois, considerar que o potencial usuário de um dicionário infantil, a criança que inicia o processo de alfabetização, dificilmente necessitará de mais informação, além da ortografia.

Passamos, agora, à análise do pós-comentário em verbetes de dicionários de tipo 3, denominados, comumente, dicionários escolares. Seleccionamos cinco obras desse tipo: MiAu (2008), DDSM (2007), MiLu (2005), MiHou (2004) e MiCA (2004). À exceção de DDSM

(2007), as demais obras são todas herdeiras de nomes já consagrados no âmbito da lexicografia nacional. Como contraponto, selecionamos um dicionário escolar pertencente à tradição lexicográfica de língua alemã (NDW, 2007), e um dicionário pertencente à tradição hispânica (DPRAE, 2007).

Os dicionários escolares tendem a seguir o comportamento dos dicionários gerais no que concerne ao emprego do pós-comentário. Isso não deve causar estranhamento, na medida em que tais obras costumam representar uma “continuidade de estilo e de forma” em relação às obras de formato “maior” das quais procedem (cf. Pérez Lagos, 1998: 115). Os resultados obtidos na análise de MiAu (2008), MiLu (2005), MiHou (2004) e MiCA (2004) são, nesse sentido, bastante emblemáticos:

cachear *v.int.* **1.** Tornar-se cacheado. *T.d.* **2.** Fazer cachos em (cabelo). [C.: 12 A. Na acepç. 1, norm., é unipessoal.] (MiAu, 2008: s.v. *cachear*)

benéfico *adj.* **1.** Que faz bem. **2.** Favorável; salutar; bom. Superl. abs. sint.: *beneficentíssimo*. Antôn.: *maléfico*. (MiLu, 2005: s.v. *benéfico*)

mouse [ing. pl.: *mice*] *s.m.* INF dispositivo manual que controla a posição do cursor sobre a tela e é capaz de selecionar ícones, opções no menu do programa etc. © GRAM/USO pl. corrente em port. *mouses* [☞] pronuncia-se maus (MiHou, 2004: s.v. *mouse*)

iroso (i.ro.so) [ô] *a.* Ver *iracundo*. [Fem. e pl.: [ó].] (MiCA, 2004: s.v. *iroso*)²⁴

Uma exceção no que se refere ao emprego do pós-comentário entre os dicionários escolares é DDSM (2007). Essa obra apresenta um PCI bem definido e bastante extenso. Assim, muito embora o pós-comentário seja empregado com relativa frequência, as informações aí dispostas complementam os comentários fundamentais e são apresentadas de uma forma bastante sistemática:

curió <cu.ri.ó> *s.m.* Pássaro canoro de pequeno porte, pardo quando jovem e cujo macho, quando adulto, tem plumagem preta com peito castanho-avermelhado. □ **SIN. avinhado.** □ **ORIGEM** É uma palavra de origem tupi. □ **GRAMÁTICA** É um substantivo epiceno: *o curió {machofêmea}*. (DDSM, 2007: s.v. *curió*)

Em comparação com os demais, os dicionários escolares advindos da tradição germânica e hispânica, respectivamente, NDW (2007) e DPRAE (2007), tendem a usar de

²⁴ O diferencial dessa obra em relação às demais reside no fato de que, em determinados verbetes (p. ex., s.v. *hidrogênio*, s.v. *hipertensão* e s.v. *olimpíada*), apresenta-se um quadro, denominado “achega enciclopédica”, contendo informações adicionais, de caráter cultural, científico, político etc. A funcionalidade desse tipo de informação em um dicionário de língua é, sem embargo, questionável.

forma muito mais parcimoniosa o segmento reservado ao pós-comentário. Os escassos verbetes que apresentam uma ampliação da microestrutura à direita, fornecem no pós-comentário apenas indicações gramaticais, majoritariamente destinadas à produção:

neu 1) gerade begonnen; seit kurzem existent 2) zeitgemäß; modisch 3) unerfahren:
Er ist noch neu in diesem Job.

Neu
1) Kleinschreibung: aus alt wird neu
2) Großschreibung: aufs Neue (alte Schreibung: aufs neue), auf ein Neues (alte Schreibung: auf ein neues)
3) Groß- und Kleinschreibung: seit Neuestem/neuestem, von Neuem/neuem, die Neuen/neuen Medien, die Neue/neue Linke
4) Zusammenschreibung: neugeboren
5) Getrennt- und Zusammenschreibung: neu eröffnet/neueröffnet; neu bearbeitet/neubearbeitet

(NDW, 2007: s.v. *neu*)

sex-appeal. (pal. ingl.; pronunc. “sexapíl”). m. Atractivo físico y sexual. *No es guapa pero tiene mucho sex-appeal.* ¶ [Adaptación recomendada: *sexapil*] (DPRAE, 2007: s.v. *sex-appeal*)

2.3 O PÓS-COMENTÁRIO NOS DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Os dicionários para aprendizes de língua estrangeira postos sob análise são: CCLDe (2003), OALD (2005), CDAE (2006), LaGWDaF (2008), PCDIt (2007) e DELE (2002). No que concerne às obras lexicográficas de língua inglesa e alemã, deve-se considerar, como elemento determinante, o fato de que estas, seguramente, inclinam-se a seguir a tendência da tradição lexicográfica em que se inscrevem. Assim, pois, desempenham um papel fundamental a extensão e, no caso específico dos dicionários de alemão, a densidade do PCI (cf. Bugueño Miranda, 2008; Bugueño Miranda; Jardim, 2010). Isso acarreta um uso bastante mais parcimonioso do pós-comentário, na medida em que, nesse segmento, são fornecidas, como vimos anteriormente, apenas indicações “extraordinárias”:

Eskimo [...] **Inuit** *n* [C] *pl* **Eskimos** a member of a group of people who live in the cold northern areas of North America, Russia, and Greenland • **USAGE:** In Canada and Greenland, the preferred name is Inuit. (CDAE, 2006: s.v. *Eskimo*)

dass *Konjunktion* **1.** verwendet, um e-n Nebensatz einzuleiten, der die Funktion des Subjekts des Hauptsatzes hat: *dass ich dich beleidigt habe, tut mir Leid; Stimmt es, dass sie morgen in Urlaub fährt?* [...] **7.** *gespr;* verwendet, um (elliptische) Sätze einzuleiten, die e-n Wunsch, e-e Drohung od. Bedauern ausdrücken: *Dass du mir später ja keine Vorwürfe machst!; Dass er gerade jetzt krank werden muss, wo wir so viel Arbeit haben!* || NB: die konjugierte Verbform steht immer am Ende des Satzes (LaGWDaF, 2008: s.v. *dass*)

Por fim, chama a atenção o fato de que PCDIt (2007) e DELE (2002) não lancem mão do pós-comentário²⁵.

2.4 SÍNTESE DA ANÁLISE DO EMPREGO DO PÓS-COMENTÁRIO EM DICIONÁRIOS SEMASIOLOGICOS

Wiegand (1989b) define *pós-comentário* pela sua posição no interior da microestrutura, eximindo-se de estabelecer, para esse segmento, funções específicas. Desse modo, ao analisar os verbetes dos dicionários selecionados, identificamos as estruturas de pós-comentário exclusivamente por meio da sua localização no interior da microestrutura. Reconhecemos, entretanto, que, para conferir uma real funcionalidade ao pós-comentário, é preciso definir, no âmbito de uma teoria metalexigráfica, as informações passíveis de serem fornecidas nesse segmento. Isso é o que trataremos de fazer, ao menos parcialmente, na próxima seção.

O emprego do pós-comentário deveria ser uma consequência natural de uma concepção funcional da microestrutura. Daí a importância de se ter em mente distinções como microestrutura abstrata/microestrutura concreta, comentário de forma/comentário semântico, bem como uma noção clara de segmento informativo funcional (cf. Wiegand, 1989a). A ampliação da microestrutura, dessa forma, deve responder a uma impossibilidade de se oferecer determinada informação em algum dos segmentos microestruturais previstos pelo PCI, por tratar-se de uma indicação de caráter excepcional (p. ex., em HouE, 2009: s.v. *você*). Grande parte dos dicionários analisados, no entanto, não demonstra sequer haver definido um PCI. Isso explica porque, frequentemente, o pós-comentário não se articula com a microestrutura, ou seja, a relação de interdependência (em nível de funcionalidade) entre os comentários fundamentais e os comentários marginais não se vê evidenciada. Em vista disso, apresentamos uma síntese da análise realizada:

- não é possível assegurar que todos os dicionários cujos verbetes apresentam segmentos aqui identificados como pós-comentários tenham consciência de estarem lidando com um tipo de ampliação microestrutural;

²⁵ PCDIt (2007), no entanto, e curiosamente, emprega, em alguns poucos casos, o pré-comentário:

grande *agg.* [spesso troncato in *gran* davanti a consonante; comparativo *più grande* o *maggiore*, superlativo *grandissimo* o *massimo*] **1** Superiore alla misura ordinaria per dimensioni, quantità, numero, durata, intensità, forza o altra qualità (opposto a *piccolo*): *un grande palazzo; a grande distanza; una gran folla; per gran tempo; un gran vento; una gran fame; un grande coraggio* [...] (PCDIt, 2007: s.v. *grande*)

O tamanho do pré-comentário, bem como o fato de auxiliar a produção mais do que a compreensão, são fatores que nos levam a crer que as informações aí dispostas estariam mais bem localizadas em um pós-comentário.

- as diferenças entre os tipos de dicionários são mais quantitativas do que qualitativas: os dicionários gerais apresentam uma quantidade maior de notas do que as demais obras; entretanto, o pós-comentário não necessariamente cobra mais funcionalidade nessas obras;
- nota-se uma prevalência do pós-comentário de forma sobre o pós-comentário semântico, que é visivelmente menos utilizado;
- as informações apresentadas nos segmentos que aqui ousamos denominar “pós-comentários de forma”, na maioria dos casos, poderia ser parte integrante do PCI pertinente ao comentário de forma;
- as informações pertinentes ao que chamamos de “pós-comentários semânticos” restringem-se à sinonímia e antonímia, bem como a umas poucas indicações pragmáticas. Destacamos, no entanto, que o objetivo da indicação de sinonímia/antonímia difere, em boa medida, do objetivo das notas pragmáticas. Enquanto as últimas servem como um auxílio para a compreensão, as primeiras servem como um auxílio para a produção, assumindo, quando apresentadas sob a forma de catálogos ao final do verbete, uma função onomasiológica (cf. Bugueño Miranda; Farias, 2008b; 2011c);
- os sistemas semióticos empregados na maior parte dos dicionários não contribui para explicitar a ampliação externa da microestrutura. Destaques positivos nesse quesito são, entre outros, ZVLI (2011), NDW (2007) e MDHou (2005).

3. PROPOSTA PARA O EMPREGO DO PÓS-COMENTÁRIO COMO MECANISMO EXPLANATÓRIO

Em atenção ao segundo objetivo proposto no início deste trabalho, passamos à elaboração de uma proposta para o emprego do pós-comentário (especificamente o denominado semântico) como um mecanismo complementar de elucidação do significado. Antes, porém, deve-se esclarecer que se trata tão somente do esboço de uma proposta, na medida em que a elaboração de um segmento microestrutural desse tipo deve estar circunscrita a uma “teoria geral dos mecanismos explanatórios”, de cuja ausência a (meta)lexicografia ainda se ressentir (cf. Bugueño Miranda; Farias, 2011a).

A fim de esboçar nossa proposta, partimos das seguintes premissas, em parte derivadas das conclusões obtidas por meio da análise realizada:

- 1) o emprego do pós-comentário deve ser consequência direta de uma concepção funcional da microestrutura;
- 2) a estruturação do pós-comentário deve estar amparada em distinções como microestrutura abstrata/microestrutura concreta, comentário de forma/comentário semântico, microestrutura simples/microestrutura ampliada;
- 3) o pós-comentário deve oferecer informações extraordinárias, que não estão previstas nos comentários fundamentais (p. ex., informações pragmáticas, como em DUPB, 2002: s.v. *cão*; informações sobre construções sintáticas específicas, como em LaGWDaF, 2008, s.v. *dass*).

Em vista disso, uma proposta para o uso do pós-comentário semântico nos dicionários semasiológicos deve estruturar-se tendo em vista três fatores:

- A. Um modelo funcional de microestrutura: O modelo ao qual nos referimos é, evidentemente, o de Wiegand (1989a; 1989b). A ausência de um modelo funcional como base para a concepção da microestrutura acarreta a ausência de funcionalidade nos segmentos informativos. O modelo de Wiegand (1989a; 1989b), como vimos, prevê, além do comentário de forma e do comentário semântico, a possibilidade de ampliação externa da microestrutura, por meio da geração de pós-comentários. A definição dos segmentos que devem conformar o pós-comentário, por sua vez, deve levar em conta os mesmos princípios empregados na definição dos demais segmentos (oposição microestrutura abstrata e concreta; oposição comentário de forma e comentário semântico), de tal forma que mesmo o “grau zero de informação” – nesse caso, a supressão do pós-comentário – possa ser entendida como funcional.
- B. Uma concepção de funcionalidade em termos de informações discretas e discriminantes: O pós-comentário converte-se em um segmento informativo funcional, na medida em que (a) oferece informações discretas e discriminantes e (b) articula-se com os segmentos microestruturais nucleares, colocando-se em relação de complementaridade frente a eles.
- C. Uma teoria geral dos mecanismos explanatórios: Dentre os recursos explanatórios passíveis de emprego, a paráfrase definidora ocupa uma posição de destaque, sendo, ao mesmo tempo, o mecanismo mais empregado e o mais estudado²⁶. Entretanto, Bugueño Miranda (2009a) salienta que grande parte dos problemas relacionados à

²⁶ A título de ilustração citamos Zgusta (1971: 252-263), Pottier (1977), Haensch et al. (1982: 259-285), Bosque (1982), Werner (1984), Svénen (1993: 112-139), Martínez de Souza (1995: s.v. *definición lingüística*), Landau (2001: 153-189), Geeraerts (2003), Beneduzi, Bugueño Miranda e Farias (2005), Rundell (2008) e Farias (2009b; 2009c).

definição carece de uma resposta minimamente satisfatória. A impossibilidade de se fornecer uma definição elucidativa, muitas vezes, está relacionada com a natureza do conteúdo semântico do lexema, como ocorre, por exemplo, com os substantivos que designam plantas, frutos e animais, as preposições, as conjunções etc. (cf. Farias, 2009c; Bugueño Miranda; Farias, 2011b). Nessas situações, o lexicógrafo pode lançar mão de mecanismos complementares e/ou alternativos de elucidação do significado, entre os quais destacamos as ilustrações (cf. Farias, 2010), os exemplos (cf. Farias, 2008a), a sinonímia como um recurso de viés semasiológico (cf. Bugueño Miranda; Farias, 2011c), bem como o pós-comentário semântico. Dessa forma, uma teoria geral dos mecanismos explanatórios – que ultrapassa, portanto, os limites de uma teoria da definição – permitirá determinar em que situações é preciso empregar mecanismos de elucidação do significado alternativos ou complementares às paráfrases definidoras, e qual recurso é mais apropriado em cada caso.

Como procuramos evidenciar, a formulação de uma proposta mais definitiva para o emprego do pós-comentário como um recurso complementar de elucidação do significado implica considerar uma série de aspectos, incluindo questões como a elaboração de uma teoria geral dos mecanismos explanatórios, para os quais, neste momento, não temos como apresentar respostas minimamente conclusivas. Apenas como forma de ilustrar o emprego funcional do pós-comentário, apresentamos alguns exemplos extraídos das obras analisadas:

hedge [...] Substantivo masculino. 1. Econ. Expediente adotado por empresas ou homens de negócios para se resguardarem de flutuações de preços. [Ex.: firmas com dívidas em dólares compram títulos reajustados pela taxa cambial: havendo desvalorização do real, o aumento de valor dos títulos compensa o crescimento do montante, em reais, da dívida.] (AuE, 2009: s.v. *hedge*)

donoso, -sa adjetivo **formal** Que tiene gracia o donaire **ej** ¿de donde, donosa, el lindo lunar que sobre tus senos se vino a posar?; idonosa ocurrencia! **NOTA** Antepuesto al sustantivo, se usa con valor irónico. (DUEAe, 2003: s.v. *donosa, -sa*)

o² [...] **1** conj. Sirve fundamentalmente para relacionar dos posibilidades expresando que solamente una de ellas se realiza: [...]

□ **Notas de uso**

Puede <o> repetirse delante de cada término; esta repetición está particularmente indicada cuando lo que se expresa es que la no realización del primero supone forzosamente la realización del segundo: ‘O te callas o me marchó’ [...] (DUEe, 2001: s.v. *o²*)

Embora nos três dicionários citados não haja, como demonstramos na seção anterior, uma proposta explícita para o emprego funcional da ampliação microestrutural, especificamente nos verbetes citados, ainda que ocorra de forma intuitiva, as informações

apresentadas no pós-comentário são úteis como auxiliares à compreensão do significado. Nesse sentido, seriam bons exemplos do emprego do pós-comentário semântico, tendo em vista os fatores arrolados anteriormente. AuE (2009, s.v. *hedge*) aproveita o pós-comentário para oferecer uma informação extralinguística, que auxilia o consulente a entender a qual “realidade” o signo-lema se associa. DUEAe (2003, s.v. *donoso*) e DUEe (2001, s.v. *o²*), por sua vez, optam por apresentar construções específicas, nas quais o signo-lema sofre pequenas nuances de significação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de Wiegand (1989a; 1989b), além de constituir o fundamento das discussões sobre a microestrutura até os dias atuais, é o único que considera a possibilidade de ampliações microestruturais. Além dele, não houve outro autor que se preocupasse com uma formalização do pré e do pós-comentário. Por essa razão, ainda carecemos de estudos que cuidem de outorgar uma função específica a essa estrutura, bem como determinar que tipos de informações poderiam ser dispostas no pós-comentário.

A concepção do pré e do pós-comentário, como procuramos demonstrar por meio da análise, ainda carece de parâmetros formais. Na maioria dos dicionários, fica evidente que o lexicógrafo não pensou explicitamente em um “pós-comentário” ao fornecer informações adicionais, aparentemente deslocadas do núcleo da microestrutura. Tendo em vista a situação pouco clara do pós-comentário no âmbito dos estudos lexicográficos, bem como a ausência (ou estado ainda embrionário) de uma teoria dos mecanismos explanatórios, foi possível apresentar apenas um esboço de proposta para o emprego do pós-comentário como mecanismo de elucidação do significado. Enfatizamos, assim, o caráter exploratório e prospectivo deste estudo, que visa lançar as diretrizes para o posterior desenvolvimento de uma “doutrina” para o emprego do pós-comentário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AuE. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009. (1 CD-ROM)
2. AuI. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio ilustrado*. Curitiba: Positivo, 2008.

3. BALDINGER, Kurt. Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch? In: ZGUSTA, Ladislav. *Probleme des Wörterbuchs*. Darmstadt: WBG, 1985. p. 40-57
4. BENEDUZI, Renata; BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Lusorama*, n. 61/62, p. 195-219, 2005.
5. BOSQUE, Ignacio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba*, v. 9, p. 105-123, 1982.
6. BRAY, Laurent. Consultabilité et lisibilité du dictionnaire: aspects formels. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 135-146
7. BUGUEÑO MIRANDA, Félix. El FEW de Walther von Wartburg y el LEI de Max Pfister. *Signos: Estudios de Lengua y Literatura*, v. 29, p. 81-95, 1995.
8. _____. La etimología en el diccionario de la lengua. *Revista Letras*, n. 64, p. 173-188, 2004. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewArticle/2976>. Acesso em: 22 jul. 2011.
9. _____. Panorama da lexicografia alemã. *Contingentia*, v. 3, n. 2, p. 89-110, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/6508/4241>. Acesso em: 22 jul. 2011.
10. _____. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, v. 53, n. 1, p. 243-260, 2009a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1686/1367>. Acesso em: 22 jul. 2011.
11. _____. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. *Contingentia*, v. 4, n. 2, p. 60-72, 2009b. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20868/000726263.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 abr. 2011.
12. BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia Sita. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, n. 18, p. 115-135, 2006.
13. _____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe; XATARA, Cláudia Maria. *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC; NUT, 2008a. p. 129-167. Disponível em: <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>. Acesso em: 25 out. 2008.
14. _____. O ensino de português e os dicionários escolares: Um segmento informativo da microestrutura para fins de produção textual. *Polifonia*, n. 15, p. 1-14, 2008b.

15. _____. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. *Alfa*, v. 55, n. 1, p. 31-61, 2011a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4167/3765>. Acesso em: 22 jul. 2011.
16. _____. Sobre las palabras y su clasificación según su contenido. Los problemas para el lexicógrafo. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, 2011b. [no prelo]
17. _____. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. *Estudos da Língua(gem)*, 2011c. [no prelo]
18. BUGUEÑO MIRANDA, Félix; JARDIM, Carolina Reolon. Os *learner's dictionaries* do inglês e os *Lernwörterbücher* do alemão: uma simples transposição de nomes? *Contingentia*, v. 5, n. 1, p. 41-67, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/13319/7614>. Acesso em: 22 jul. 2011.
19. CCLDe. SINCLAIR, John. *Collins COBUILD Advanced Learner's Dictionary*. Glasgow: HarperCollins, 2003. (1 CD-ROM)
20. CDAE. LANDAU, Sidney. *Cambridge Dictionary of American English*. 7.ed. Cambridge: CUP, 2006.
21. DAMIM, Cristina Pimentel. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
22. DCR. SALAMANDRA Editorial. *Dicionário do Castelo Rá-Tim-Bum*. 2.ed. Guarulhos: Salamandra, 2005.
23. DDSM. *Dicionário didático*. São Paulo: Edições SM, 2007.
24. DELE. UNIVERSIDAD de Alcalá de Henares. *Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
25. DILP. MAFRA, Johnny José et al. *Primeiros Passos: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Dimensão, 2005.
26. DIP. BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário Ilustrado de Português*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2009.
27. DPC. BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2004.
28. DPRAE. REAL Academia Española. *Diccionario práctico del estudiante*. Barcelona: Santillana, 2007.
29. DRAEe. REAL Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 22.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001. Disponível em: <http://buscon.rae.es/draeI/>. Acesso em: 30 abr. 2011.

30. DUEAe. VOX. *Diccionario de uso del español de América y España*. Barcelona: SPES Editorial, 2003.
31. DUEe. MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 2001. (1 CD-ROM)
32. DUPB. BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
33. ENGELBERG, Stefan; LEMNITZER, Lothar. *Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. 2.ed. Tübingen: Stauffenburg, 2004.
34. FARIAS, Virginia Sita. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, v. 52, n. 1, p. 101-122, 2008a. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1469/1174>. Acesso em: 15 set. 2010.
35. _____. Resenha: 'Dicionário didático'. São Paulo: Edições SM, 2007. 1119 p. *Expressão*, ano 12, n. 1, p. 199-201, 2008b.
36. _____. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 285 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009a.
37. _____. *Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specifica*: Um contraste entre duas técnicas definitórias. *Estudos da Linguagem*, v. 17, n. 1, p. 73-100, 2009b.
38. _____. Considerações sobre a redação das glosas em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, n. 11, p. 1-18, 2009c. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/11/2.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2009.
39. _____. O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 9., 2010. *Anais...* Palhoça: Editora da Unisul, 2010. p. 1-19. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Virginia%20Farias.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.
40. GEERAERTS, Dirk. *Meaning and definition*. In: STERKENBURG, Piet van. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 83-93
41. GOUWS, Rufus. Types of articles, their structure and different types of lemmata. In: STERKENBURG, Piet van. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 34-43

42. HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
43. HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.
44. HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. *Dictionary of lexicography*. London; New York: Routledge, 2001.
45. HAUSMANN, Franz Josef; WIEGAND, Herbert Ernst. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A survey. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 328-360
46. HouE. INSTITUTO Antônio Houaiss. *Dicionário da língua portuguesa Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (1 CD-ROM)
47. KRIEGER, Maria da Graça. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução*, n. 18, p. 235-252, 2006.
48. LaGWDaF. GÖTZ, Dieter; HAENSCH, Günther; WELLMANN, Hans. *Langenscheidt Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin; München: Langenscheidt, 2008.
49. LANDAU, Sidney. *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. 2.ed. Cambridge: CUP, 2001.
50. LEW, Robert. New ways of indicating meaning in electronic dictionaries: hope or hype? In: ZHANG, Yihua. *Learner's Lexicography and Second Language Teaching*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2010. p. 387-404. Disponível em: [http://www.staff.amu.edu.pl/~rlew/pub/Lew New ways of indicating meaning. pdf](http://www.staff.amu.edu.pl/~rlew/pub/Lew%20New%20ways%20of%20indicating%20meaning.pdf). Acesso em: 22 jul. 2011.
51. MARTÍNEZ DE SOUZA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
52. MDHou. INSTITUTO Antônio Houaiss. *Meu primeiro dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
53. MiAu. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.
54. MiCA. CALDAS AULETE, Francisco. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
55. MiE. Michaelis. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (1 CD-ROM)

56. MiHou. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
57. MiLu. LUFT, Celso Pedro. *Dicionário escolar Luft da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2005.
58. NDW. GÖTTERT, Karl-Heinz. *Neues deutsches Wörterbuch*. Köln: Helmut Lingen Verlag, 2007.
59. OALD. HORNBY, Albert Sydney. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 7.ed. Oxford: OUP, 2005.
60. PCDIt. *Parola Chiave: Dizionario di italiano per brasiliani*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
61. PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando. Los diccionarios escolares de los últimos años: ¿una nueva lexicografía didáctica? In: ALVAR EZQUERRA, Manuel; CORPAS PASTOR, Gloria. *Diccionarios, frases, palabras*. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga, 1998. p. 115-125
62. POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. Tradução Maria Angela Botelho Pereira. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 21-31
63. PRobE. *Nouveau Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 2001. (1 CD-ROM)
64. RABANALES, Ambrosio. ¿Qué es hablar correctamente? *Revista de Educación*, v. 119, p. 49-58, 1984.
65. RUNDELL, Michael. More than one way to skin a cat: Why full-sentence definitions have not been universally adopted. In: FONTENELLE, Thierry. *Practical lexicography: a reader*. Oxford: OUP, 2008. p. 197-209
66. SCHLAEFER, Michael. *Lexikologie und Lexikographie. Eine Einführung am Beispiel deutscher Wörterbücher*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2002.
67. SECO, Manuel. *Estudios de Lexicografía Española*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2003.
68. SJDI. *Saraiva Júnior: Dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2005.
69. SVÉNSEN, Bo. *Practical lexicography. Principles and methods of dictionary-making*. Oxford: OUP, 1993.
70. WdW. WAHRIG, Gerhard. *Das grosse deutsche Wörterbuch*. Gütersloh; München: C. Bertelsmann Verlag, 1966.

71. WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.
72. WERNER, Reinhold. Semasiológica und enzyklopädische Definition im Wörterbuch. In: GÖTZ, Dieter; HERBST, Thomas. *Theoretische und praktische Probleme der Lexikographie*. München: Max Hueber, 1984.
73. WIEGAND, Herbert Ernst. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989a. p. 409-462
74. _____. Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989b. p. 462-501
75. _____. Aspekte der Makrostruktur im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch: alphabetische Anordnungsformen und ihre Probleme. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989c. p. 371-409
76. ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*. Paris: Mouton, 1971.
77. ZVLI. ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2011.

ABSTRACT: H. E. Wiegand's model provides the segmentation of the microstructure in formal comment and semantic comment. It also provides for the expansion of microstructure with the addition of a pre or post-comment. This article aims to (a) examine the use of a post-comment in semasiological dictionaries, and (b) propose the use of post-comment as a complementary mechanism to elucidate meaning. The lack of research on the expansion of microstructure within the scope of (meta)lexicography gives this study an exploratory prospective. The results indicate the absence of a functional conception of microstructure and lack of clarity about constitutes post-comment in the most analyzed works.

KEYWORDS: Lexicography; microstructure; key comments; post-comment.

Recebido no dia 27 de maio de 2011.

Aceito para publicação no dia 25 de julho de 2011.